



Marcos Santos/USP Imagens

**Sociabilidades literárias paulistas e as
edições de poesia da Livraria Duas Cidades
(1970-1980)**

Hugo Quinta

resumo

Radicada no centro da cidade de São Paulo entre 1954 e 2006, a Livraria Duas Cidades foi uma editora e livraria religiosa até 1972. Ao abandonar sua gênese católica, a casa modificou o projeto editorial e publicou Antonio Candido e seus orientandos. Mas não foram apenas as pesquisas universitárias que fizeram parte do catálogo da editora na nova fase, quando também promoveu as sociabilidades literárias paulistas e lançou obras poéticas nas décadas de 1970 e 1980. Numa época em que a poesia desafiava experientes editores, a casa dirigida pelo Professor Santa Cruz inovou na materialidade dos títulos publicados, irradiou a poesia brasileira contemporânea e ainda fomentou relacionamentos e eventos culturais. É partindo desse contexto que este artigo trata dos livros de poesia e das redes de sociabilidade literária irradiadas por essa cinquentenária editora paulistana.

Palavras-chave: Livraria Duas Cidades; edição de poesia; sociabilidades literárias paulistas; produção editorial; história do livro no Brasil.

abstract

Based in São Paulo downtown between 1954 and 2006, Livraria Duas Cidades was a religious publisher and bookstore until 1972. By undoing its Catholic genesis, the house modified the editorial project and published Antonio Candido and his mentees. In the new phase, it was not only university research that was part of the publisher's catalog, but also São Paulo literary sociabilities and poetic works in the 1970s and 1980s. At a time when poetry challenged experienced editors, the house which was directed by Professor Santa Cruz innovated in the materiality of the published titles, radiated Brazilian contemporary poetry, fostered relationships and cultural events. Based on this context, this article examines poetry books and the literary sociability's network brought to the public by this fiftieth publishing house.

Keywords: Livraria Duas Cidades; poetry editing; São Paulo literary sociabilities; editorial production; Brazilian book history.

A

s profundas raízes da Livraria Duas Cidades percorrem a obra de Santo Agostinho. Em *A cidade de Deus* (1483), o pensador medieval considerou a existência dos mundos terreno e espiritual. Sua tese defendia a comunhão dos homens na Terra como a única via de conciliação dos planos divino e secular. E foi sob esse horizonte que nasceu a livraria e editora da Ordem dos Dominicanos. Mas a fundação e a trajetória desse empreendimento cultural ocorreram por iniciativa de um homem: José Petronilo de Santa Cruz é seu registro civil, Frei Benevenuto foi o nome escolhido após seu ingresso na vida religiosa e Professor Santa Cruz foi a alcunha adotada por amigos, autores e clientes assim que ele aposentou a batina.

Se não fosse esse personagem, não haveria Livraria Duas Cidades.

Por ser grande admirador da obra de Santo Agostinho, o frade definiu o projeto livreiro e editorial considerando as interseções das ideias terrenas e espirituais. Essa é a aura da casa inaugurada por Frei Benevenuto em dezembro de 1954. Situada no centro da cidade de São Paulo, a empresa atendeu a uma clientela majoritariamente católica até 1972 (Marchetti & Quinta, 2023). Foi nesse ano que o religioso se desvinculou da Ordem, iniciou as negociações para adquirir as cotas dos dominicanos, redefiniu o projeto do estabelecimento e ficou conhecido como

HUGO QUINTA é pós-doutorando em Editoração na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, bolsista Fapesp e autor de *A trajetória de um libertário: Pietro Gori na América do Sul (1898-1902)* (EdUnila).

Professor Santa Cruz. Ainda que a travessia tenha sido marcada por episódios ultrajantes – como o assassinato de Carlos Marighella (Quinta, 2021, pp. 317-57) e a longa peleja entre o livreiro-editor e os superiores da Ordem (Quinta, 2021, pp. 361-86) –, a casa jamais renunciou ao paradigma civilizacional incutido na obra do filósofo medieval. Pelo contrário, os livros publicados pela editora e os títulos importados pela livraria continuaram a formar gerações de intelectuais brasileiros.

Se antes editavam padres, filósofos e teólogos progressistas da Igreja Católica, a partir de 1972 lançaram os trabalhos de Antonio Candido e de seus orientandos. Mas não foram apenas os títulos de teoria e de crítica literária que fizeram parte da nova fase, as edições de poesia também figuraram no catálogo da casa. Ao lançar oito títulos na década de 1970, 11 na década de 1980 e três nos anos 1990, a poesia se tornou a maior área temática do selo Livraria Duas Cidades.

É verdade que não se trata de quantias expressivas. O foco residia na qualidade autoral, editorial e gráfica das obras. Foi por esse motivo que a casa publicou poetas consagrados, como Murilo Mendes e Henriqueta Lisboa. Também lançou a vanguarda concretista representada por Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos. E divulgou a poesia de escritores desconhecidos do grande público, como José Geraldo Nogueira Moutinho, Adelaide Petters Lessa e Dora Ferreira da Silva. Os livros desses autores saíram entre os anos 1970 e 1980, justamente numa época em que publicar poesia era desafiador para grandes, médias e pequenas editoras brasileiras. Na

contramão de muitas das obras poéticas lançadas nesse contexto, a casa dirigida pelo Professor Santa Cruz aperfeiçoou os aspectos editoriais e gráficos dos títulos publicados e posteriormente forjou um virtuoso canal de difusão da poesia brasileira contemporânea ao lançar a premiada Coleção Claro Enigma, projeto idealizado por Augusto Massi.

Vistos e analisados em conjunto, os livros anteriormente mencionados faziam parte do mercado editorial de literatura brasileira da segunda metade do século passado. Para situar as edições da Livraria Duas Cidades nessa conjuntura histórica, cabe explorar os seguintes dados levantados por Laurence Hallewell (2012, pp. 798-800). O livro literário nacional atingiu uma tiragem média de aproximadamente 3 mil exemplares por título em finais dos anos 1950, chegando ao patamar de 5 mil exemplares por livro passados dez anos. O aumento decorreu do crescimento econômico desse período, cujo desenvolvimento provocou a impressão de tiragens ainda maiores para os outros gêneros temáticos. Ainda assim, houve contínua publicação de obras literárias, ao ponto de, em 1980, alcançar uma tiragem média de 85 mil exemplares e 3.968 livros publicados nessa área – o dobro da quantidade de títulos lançados em 1969.

As obras de autores brasileiros foram as grandes responsáveis por esse crescimento. Em 1986, publicaram 4.703 títulos e depois lançaram 6.127 em 1990, quando a Editora Brasiliense inaugurou a coleção de ficção nacional nomeada de Espaço Brasileiro. A despeito desse cenário auspicioso, Hallewell adverte que as dificuldades para editar livros ficcionais

e literatura em geral nem sequer se aproximam dos obstáculos de editores especializados em poesia moderna no Brasil.

Na década de 1950 (Simon, 1999), os poetas concretos se lançaram no cenário cultural paulistano como uma corrente de vanguarda que rompia com o passado recente e dialogava com o Modernismo liderado por Oswald de Andrade. A elaboração dessa via poética acompanhou o crescimento técnico, artístico e científico em voga no meio do século XX (Arruda, 2015). Liderada, em São Paulo, por Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, a tríade manifestou outras linguagens estéticas na apresentação dos versos, por vezes se aproximando da linguagem publicitária. Mas o alcance da poesia concreta ficou circunscrito aos eventos culturais frequentados pelas elites paulistanas e ao ambiente universitário da capital.

Com a ampliação do acesso à cultura e à educação durante os anos 1960, expandiu-se o mercado de bens culturais no Brasil (Ridenti, 2014, p. 25). Nesse contexto, a indústria do livro atendia um público continuamente diversificado, e a poesia brasileira publicada pelas grandes editoras dessa década acompanhou esse movimento ao divulgar as obras vinculadas à temática social inaugurada com a corrente modernista de Mário de Andrade. Publicaram poetas renomados, como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meirelles, Vinícius de Moraes, João Cabral de Mello Neto, entre outros que possuíam um público leitor cativo. Mas o Golpe de 1964, a tensão política nacional e a ebulição sociocultural foram um terreno fértil para o surgimento da “poesia marginal” (Simon, 1999, p. 33)

na década de 1970. Os “marginais” inovaram na expressividade jocosa e na forma de divulgação dos poemas.

Seus versos eram impressos e financiados pelos próprios autores, dentre os quais destacamos Ana Cristina César, Paulo Leminski e Waly Salomão. Com o passar dos anos, suas obras foram publicadas pelas editoras artesanais, a exemplo da Noa Noa – do poeta, editor e tipógrafo Cleber Teixeira (1838-2018) – e da Tipografia do Fundo de Ouro Preto (Mello, 2018) – do editor, poeta e artista gráfico Guilherme Mansur (1958-). Tanto os selos artesanais quanto a Livraria Duas Cidades editaram poetas que não se encaixavam em uma única linhagem literária (Salgueiro, 2018, pp. 17-8). Professor Santa Cruz (Quinta, 2021, pp. 562-85) e outros editores residentes em São Paulo não apenas foram entusiastas da edição de poesia, como também foram responsáveis por divulgar esse gênero literário em diferentes materialidades e projetos editoriais.

Dentre eles, destaca-se a figura de Massao Ohno (1936-2010). Por ter se notabilizado como editor e artista gráfico que trabalhou de maneira habilidosa no emprego da impressão tipográfica (Da Silva, 2019), suas edições de poesia – publicadas desde os anos 1960 até seu falecimento – foram reconhecidas no mundo do livro brasileiro. Ao final da década de 1970, Roswitha Hellbrugge (1928-1989) interrompeu seu trabalho com Massao Ohno para fundar a Roswitha Kempf Editora, selo que publicou obras clássicas do grego antigo e livros de poetas pouco conhecidos. Esses exemplos corroboram o crescimento das publicações literárias nos anos 1980 (Simon, 1999, pp.

34-5), mas apenas os poetas consagrados tiveram espaço nas grandes editoras, como a Nova Fronteira¹.

Enquanto os concretos e os “marginais” eram respaldados por Massao Ohno, Guilherme Mansur, Cléber Teixeira e Roswitha Hellbrugge, os poetas que estabeleciam pontes entre as vanguardas e a tradição literária estavam dispersos em editoras artesanais (Creni, 2013) ou em selos como a Brasiliense e a Livraria Duas Cidades.

OS PRIMEIROS LIVROS DE POESIA DA DUAS CIDADES

Mesmo ciente da dificuldade de venda desse gênero literário, o então Frei Bene-

1 Hallewell (2012) pondera que nem mesmo as obras de autores consagrados, como João Cabral de Mello Neto e Murilo Mendes, estavam livres dos obstáculos encarados pelos poetas menos conhecidos. Eles geralmente obtinham notoriedade editorial depois de falecerem, como ocorreu com Carlos Drummond de Andrade, que teve sua obra disputada pela José Olympio, Companhia das Letras e Nova Fronteira. Dentre esses selos, o último teve forte presença na poesia. A Nova Fronteira comprou os direitos da obra completa de João Cabral e de Murilo Mendes (ambos amigos do Professor Santa Cruz). Ao final dos anos 1980, essa editora não apenas lançou a Coleção Poesia de Todos os Tempos, dedicada a divulgar poetas tradicionais do Brasil e de outros países, como também foi contatada pela Livraria Duas Cidades. Em 10 de junho de 1988, Professor Santa Cruz enviou uma carta para a Nova Fronteira mencionando seu interesse em publicar as traduções dos poetas catalães feitas por João Cabral. O livreiro-editor questionou sobre quais seriam as condições para sua editora publicar coleções com “[...] características de uma publicação de arte, com fotos e reproduções fac-símile e de tiragem limitada”. No dia 29 de junho de 1988 foi enviada a resposta escrita por Sebastião Lacerda (filho de Carlos Lacerda e então diretor vice-presidente da Nova Fronteira), que agradeceu a visita feita pela pessoa (Augusto Massi) responsável pelas coleções da Duas Cidades, mas argumentou que não autorizaria a inclusão de João Cabral e Murilo Mendes nas coleções pretendidas, argumentando que a sua editora publicaria essas obras.

venuto lançou, no ano de 1970, seus primeiros livros de poesia nacional. Um deles foi *Amoressência* (1970), da psicóloga Adelaide Petters Lessa, com tiragem de 1.033 exemplares; o outro foi *Exercitia* (1970), de José Geraldo Nogueira Moutinho, com 1.057 exemplares impressos; e o terceiro foi *Convergência*, de Murilo Mendes, com a expressiva impressão de 16.616 exemplares. Com exceção dessa obra, a baixa tiragem dos outros títulos sinaliza o pequeno alcance desses livros até mesmo entre os leitores devotos da poesia.

Nogueira Moutinho foi crítico literário, jornalista, poeta e amigo de Frei Benevenuto. A partir dos documentos abrigados no arquivo da Livraria Duas Cidades (Quinta & Silva, 2020), em particular dos relativos à publicação de *Exercitia*, é possível avaliar a relação entre autor e editor e o processo de construção do livro. Apesar da dificuldade de compreender o que motivou o editor a publicar a obra do autor, supõe-se que a longa relação de amizade (Quinta, 2021, p. 489) foi determinante na decisão de lançar o livro. Ao consultar os documentos situados na pasta do autor, encontra-se os vestígios de produção e de financiamento da obra, os comentários elogiosos de outros poetas, o projeto de capa e contracapa (ver Imagem 1) criado por José Armando Ferrara² e os impasses para a venda do livro.

2 Paulistano nascido em 1938, Ferrara iniciou sua formação, em 1955, no curso de Artes Gráficas do Senai e a partir de 1961 foi aluno da Escola de Arte Dramática da USP. Essas experiências lhe possibilitaram ganhar alguns prêmios nas artes plásticas, atuar como designer gráfico e cenógrafo, a exemplo do cargo que exerceu como diretor de cenografia da TV Cultura e produtor da decoração de diversas peças teatrais encenadas na PUC-SP.

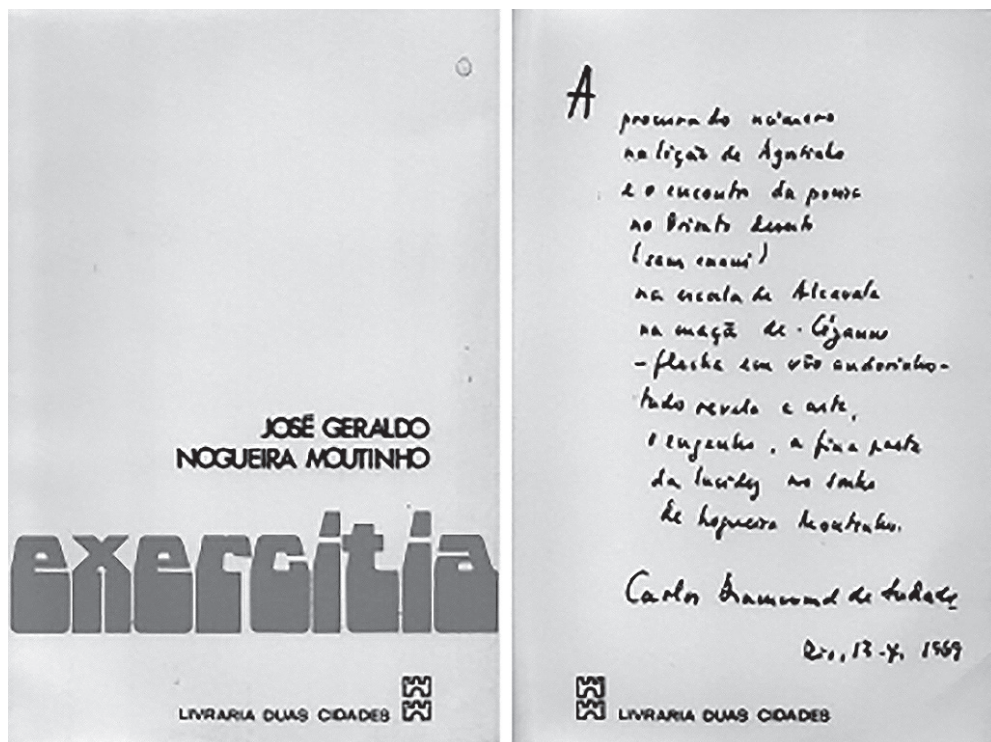


Imagem 1. Capa e contracapa de *Exercitia* (1970), de José Geraldo Nogueira Moutinho. O projeto de capa é assinado por José Armando Ferrara (ver nota 2) e o projeto gráfico apresenta as seguintes características: brochura, formato 14 x 21, folha de rosto com caracteres na cor preta, constando o nome do autor e o título do livro no cabeço, enquanto no pé constam o nome da editora, a cidade de São Paulo e o ano de 1970. A composição e impressão da obra foram realizadas pela Editora Pensamento S/A

No contrato de publicação de *Exercitia* estão previstas as condições de edição do livro. Firmado em 6 de outubro de 1970, o artigo terceiro descreve os compromissos da casa e de Nogueira Moutinho. Enquanto a editora se encarregava de realizar todas as etapas de editoração e de divulgação do livro, o parágrafo primeiro desse artigo esclarecia que “as despesas decorrentes da composição, paginação, impressão, execução da capa e encadernação da obra serão debitadas ao autor”, e no parágrafo seguinte ressaltam que os demais encargos seriam custeados pela editora. Como nos outros contratos da casa, os direitos autorais eram 10% do preço de capa, a editora

destinaria 50 exemplares para divulgação e propaganda da obra, o autor ficaria com 200 exemplares da tiragem impressa e o restante seria vendido por Cr\$ 10,00 no ano do lançamento.

Um fato curioso foi a carta redigida pela poetisa mineira Henriqueta Lisboa (1901-1985) e endereçada a Nogueira Moutinho em 23 de outubro daquele ano. Ela acusou o recebimento do livro com alegria, comentou que leu e releu os poemas do autor, ressaltando que a obra transmitia rigor, nobreza e serenidade, transitando entre a utilização de termos arcaicos e técnicas modernas de criação. Henriqueta parabenizou o autor pela obra, “[...] até

mesmo pela excelente apresentação gráfica, a recomendar a editora”. Este comentário elogioso sobre o trabalho gráfico realizado pela Livraria Duas Cidades talvez tenha sido a razão de ela ter publicado o primeiro tomo de sua poesia completa pela casa. Lançada no ano de seu falecimento (1985), *Obras completas I – Poesia geral (1929-1983)* teve a capa produzida por Luis Díaz e tiragem de 2 mil exemplares impressos.

Ainda sobre o livro de Nogueira Moutinho, outro ilustre poeta a elogiar a obra foi Carlos Drummond de Andrade. Uma de suas cartas foi publicada na contracapa de *Exercitia* e a outra, também escrita à mão, foi redigida no Rio de Janeiro e enviada ao autor em 7 de dezembro de 1970. Nessa epístola, o remetente afirma que o livro era poesia adulta, rigorosa, importante e coerente com os descaminhos daquela época. Drummond agradeceu o oferecimento do livro e deixou um abraço de admiração ao destinatário.

As missivas do poeta e da poetisa, ou até mesmo a crítica da obra escrita por Ernildo Stein no *Caderno do Povo*, em 11 de março de 1972, deixam a impressão de que os comentários transcendiam uma análise imparcial do livro de poesia escrito por Nogueira Moutinho. Em certa medida, elas demonstram a amizade e os afetos que o crítico literário tinha com o Professor Santa Cruz, Drummond, Henriqueta e até mesmo com o filósofo, tradutor e docente universitário, tendo em vista que Moutinho publicou, na *Folha de S. Paulo*, as críticas dos livros de Heidegger, todos traduzidos por Ernildo e lançados pela Livraria Duas Cidades. Mas nem os laços de amizade (Sorá, 2010, pp. 213-65) foram capazes de garantir boas vendas da

obra. As irrisórias taxas de comercialização do livro estão descritas nos relatórios abrigados no arquivo da editora: foram vendidos 82 exemplares de *Exercitia* até 1972, e em dezembro de 1981 ainda havia 530 exemplares em estoque.

Se é verdade que o livro de Nogueira Moutinho resultou em baixa tiragem e poucas vendas, a obra de Murilo Mendes (1901-1975) fugiu ao padrão das edições de poesia da casa por apresentar diversas particularidades. Uma delas foi a amizade de Murilo com Frei Benevenuto. Nas três pastas do poeta mineiro, todas abrigadas no arquivo da casa, constam as correspondências e as fotografias trocadas entre o autor e o livreiro-editor³. Ainda que este artigo não seja o espaço adequado para explorar todas as cartas do arquivo, vale destacar que os temas abordados nelas são vestígios da amizade e da rede de sociabilidade que havia entre eles. Mas cabe examinar as que estabelecem uma correspondência entre autor e editor no decorrer do processo de construção do livro.

Foi em 18 de agosto de 1966 que Murilo Mendes respondeu uma carta do religioso por meio de uma epístola redigida à mão diretamente de Lisboa. O poeta disse que seria um prazer ter seu livro editado pela Livraria Duas Cidades e descreveu como ele pensava as características materiais da obra: “[...] inútil

3 Ao analisar o conjunto de missivas trocadas entre 1949 e 1975, é possível identificar que elas discorrem sobre Minas Gerais; discos de música clássica; revistas cristãs progressistas; poeta Jorge de Lima; auxílio a frei Benevenuto durante sua moradia na França; reacionarismo de altas figuras do clero; poeta Marcos Konder Reis; livros religiosos; Carlos Pinto Alves; Antonio Candido; e a relevância de o padre manter a amizade com o crítico de arte Paulo Mendes de Almeida.

dizer-lhe que gostaria de apresentação simples do ‘Contacto’, graficamente falando: nada de enfeites, nada de desenho, nada de perfil do autor e bico de pena. Claro que gostarei de um aspecto moderno do livro, isto é, tipos modernos, linhas claras, retas etc.”, acrescentando que confiava no gosto de Frei Benevenuto. E prosseguiu afirmando que seria importante ele receber as provas do livro para poder corrigi-las antes da impressão.

O poeta enviou outra epístola a Frei Benevenuto em 8 de outubro de 1966, por meio da qual respondia às dúvidas apresentadas pelo editor e dava orientações gerais sobre o livro a ser produzido. O título da obra seria *Contacto*, e no frontispício deveria constar as palavras “contacto” e “exercício” em caixa-alta, as quais representavam cada uma das duas partes em que o autor dividiu o livro. A primeira com poemas acompanhados de títulos e ano de criação, os quais deveriam estar dispostos na obra seguindo a ordem cronológica; e a segunda eram poemas sem títulos, mas que deveriam estar disponibilizados cronologicamente e separados por linha. Tanto a primeira parte (contacto) quanto a segunda (exercício) deveriam estar inscritas em folhas separadas. Entre elas deveria constar uma folha em branco e no fim da segunda parte deveria ter outra folha em branco somente com a palavra “índice”, e nas páginas subsequentes estariam o sumário listando os poemas da parte “contacto”, os poemas do entreato chamado “Murilogramas” e os poemas de “exercício”. Ao final, o poeta ressaltou que havia trechos e palavras experimentais que seriam revisadas pelos irmãos Cam-

pos. E deixou dois *post-scriptum* com as seguintes recomendações:

“Como disse antes: aspecto gráfico severo, nada de ilustrações, nada de desenho ou foto de autor. Caso possível, o dorso do livro em branco, sem anúncios. Talvez Fernando Lemos pudesse fazer a capa. No máximo, uma vinheta geométrica. Tenho horror ao informal”.

Murilo Mendes enviou outra carta ao livreiro-editor em 16 de novembro de 1966. Nesta, o poeta escreveu que Haroldo de Campos faria revisão de “exercício” (segunda parte) antes de encaminhá-la para a editora. Também ponderou outras alterações que seriam feitas no manuscrito e ao final disse que a alusão ao escultor italiano Ettore Colla e ao poeta lusitano Cesário Verde não vinha com notas sobre a trajetória desses personagens, pois ele julgava que o livro era destinado a um público culto. Mas ele poderia fazer breves notas se o editor julgasse necessário.

Já em 22 de novembro daquele ano, o poeta enviou outra carta ao religioso. De imediato, ele relatou que Haroldo de Campos lhe escreveu dizendo que ficou contente de ter conhecido o frade e que pretendia cultivar a amizade. Ato contínuo, Murilo ressaltou que as pontuações do original, como o uso de bolinha ou asterisco entre algumas estrofes, deveriam estar presentes na obra impressa. Em suas palavras, “[...] preferiria que o livro não fosse publicado, caso não se pudesse fazer o que peço, mas penso que se pode”. Depois teceu mais algumas considerações sobre o livro, a exemplo da homenagem que queria fazer à filha do poeta português Miguel Torga.

Em 30 de dezembro de 1966, o poeta enviou uma carta ao livreiro-editor indicando uma relevante mudança na obra. Na primeira página, o remetente informou o destinatário da alteração do título do livro para *Convergência*, alegando que tinha outra obra publicada no Brasil com o nome anteriormente previsto. Na página seguinte, Murilo ressaltou que no frontispício do livro deveria constar o período de composição dos textos sob a justificativa de que em boa parte das obras poéticas consta a data de criação dos poemas. Logo em seguida afirmou que procedeu a uma pequena alteração no Murilograma para Manuel Bandeira, e encerrou a carta retomando temas expostos nas outras correspondências sobre o livro.

Após a passagem de ano, Murilo Mendes enviou duas cartas a Frei Benevenuto. Uma no mês de janeiro e outra em fevereiro, sendo que ambas seguiram as sugestões elencadas pelo poeta nas cartas anteriores, com exceção de duas propostas. Em uma delas, Murilo pediu para o editor publicar o livro aberto (o que não ocorreu) e a outra era para a editora não imprimir o livro antes de sua revisão final, alegando a necessidade de incluir uma errata entre a última página e a contracapa da obra.

Daí em diante houve poucas correspondências entre o poeta e o livreiro-editor. Apenas em novembro e dezembro de 1970 foram enviadas três cartas de Murilo Mendes à Livraria Duas Cidades, que também recebeu outras sete missivas do autor em 1971. Todas as solicitações feitas nas epístolas de 1970 foram atendidas pela editora: o livro foi publicado; a errata foi incluída em todos os exemplares impressos; no

frontispício constou o período de produção dos poemas (1963-1966); Haroldo de Campos reviu as provas finais; e a casa atendeu ao pedido de nomear a segunda parte do livro de “estudos”, “linhas” ou “sintaxe” (esta foi a escolhida), tendo em vista que a editora havia publicado *Exercitia*. Outros pedidos do autor também foram atendidos: a editora enviou três exemplares por via aérea, os quais seriam entregues para o cineasta Ruggero Jacobbi, para a historiadora Luciana Stegagno e para o crítico literário José Guilherme Merquior. E nas linhas finais dessas cartas, Murilo agradeceu o exímio trabalho da casa na publicação de *Convergência*, realçando que o livro saiu perfeitamente a seu gosto, desde a capa (ver Imagem 2) elaborada por José Armando Ferrara até a composição do livro, realizada e coordenada pela editora.

Apesar da riqueza epistolar presente na pasta de *Convergência* abrigada no arquivo da editora, infelizmente não constam as fichas demonstrativas de vendas da obra, cuja tiragem foi de 16.616 exemplares. O período de venda desse montante poderia indicar quanto tempo levou para esgotar o título de um poeta renomado. Mas o conjunto das epístolas nos permite traçar nas relações entre autor e editor, nos impasses e intermediações que decorrem da construção e publicação de um livro escrito por um autor já consagrado, e que impunha uma série de exigências para publicar a obra sem ser questionado pela editora. Essas correspondências também nos permitem averiguar o grau de proximidade entre o então religioso e o poeta, e a rede de sociabilidade formada por esse relacionamento. Foi a partir delas que tomei conhecimento da amizade entre



Imagem 2. *Convergência* (1970), de Murilo Mendes. O projeto de capa também é assinado por José Armando Ferrara e o projeto gráfico apresenta as seguintes características: brochura, formato 14 x 21, folha de rosto com caracteres na cor preta, constando o nome do autor no cabeço, o título e as partes do livro, com as respectivas datas de produção dos poemas, no centro da página, e no pé há o nome, o logo da editora e o ano de 1970. A impressão da obra foi realizada pela Símbolo S.A. Indústrias Gráficas

o livreiro-editor e Haroldo de Campos, por intermédio de Murilo Mendes, permitindo a posterior divulgação da vanguarda concretista pela casa do Professor Santa Cruz.

Antes de discorrer sobre os livros de Décio Pignatari e dos irmãos Campos, cabe mencionar duas obras poéticas lançadas pela Livraria Duas Cidades em 1973. Uma delas foi *Uma via de ver as coisas*, escrita por Dora Ferreira da Silva, com tiragem de 1.090 exemplares e capa de José Márcio Brandão e Edmar José de Almeida. E a outra foi *Helianto*, livro da poetisa Orides

Fontela (1940-1998)⁴, com tiragem de 1.023 exemplares e capa de Rosa Maria Delorenzo.

Essas publicações sinalizam que o Professor Santa Cruz deu guarida a projetos de vanguarda no cenário intelectual e cultural da metrópole brasileira, abrindo sua casa para novas correntes literárias. Enquanto os livros de autores conhecidos geralmente são publicados pelas grandes editoras, os pequenos e médios selos editoriais, como a Livraria Duas Cidades, usualmente são responsáveis por divulgarem distintas expressões culturais.

Foi por esse motivo que a cepa paulistana da poesia concreta encontrou abrigo na editora. Primeiro publicaram 3 mil exemplares de *Teoria da poesia concreta* (1975), de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. Depois lançaram *Poesia pois é poesia* (1977), de Décio Pignatari, com tiragem de 2.030 exemplares, e passados dois anos publicaram *Viva vaia – poesia 1949-1979* (ver Imagem 3), escrito por Augusto de Campos e com 1.934 exemplares impressos.

Enquanto a capa do primeiro livro foi criada, em 1965 (ano da primeira edição do livro), por Décio Pignatari, com arte-final de Roberto Esteves Lopes, o segundo e o terceiro (atualmente publicados pela Ateliê Editorial) tiveram suas capas respectivamente elaboradas por Julio Plaza e Augusto de Campos. As baixas tiragens dessas obras sinalizam um público leitor restrito e ao mesmo tempo interessado pela

4 Algumas das entrevistas que colhi durante o doutorado descrevem episódios (Quinta, 2021, pp. 555, 581-2) que indicam a proximidade de Orides Fontela com a Livraria Duas Cidades, onde ela teve dois livros publicados – *Helianto* e *Trevo*.

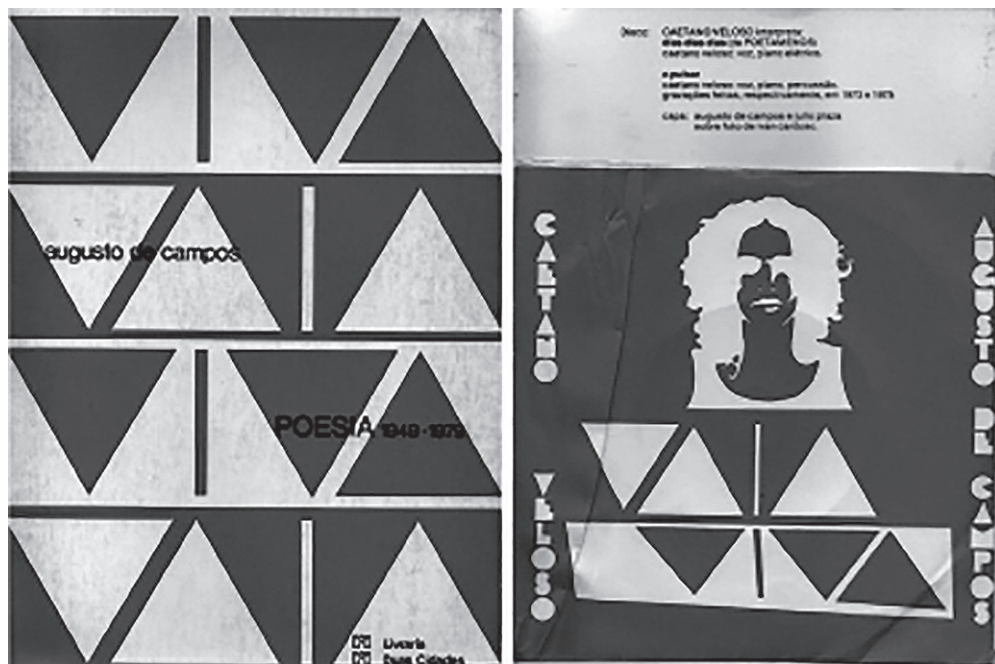


Imagem 3. Capa e verso da contracapa de *Viva vaia - poesia 1949-1979* (1979), de Augusto de Campos, que também criou a capa. Já o original projeto gráfico é assinado por Julio Plaza, responsável por inovar na arte desenvolvida para o miolo do livro ao utilizar fitas, diferentes famílias e tamanhos de tipos, distintos modelos e gramaturas de papel, letras de diversas cores, imagens e ilustrações, como a fotografia de Ivan Cardoso que reveste o encarte criado para o disco de vinil de Caetano Veloso. Trata-se de uma brochura no formato 19 x 25, com a folha de rosto em cor preta na frente e branco no verso, constando o título e o nome do autor alinhados à direita, no centro da página, enquanto no pé constam o nome e o logo da editora. A impressão da obra foi realizada pela Planimpress Gráfica e Editora

forma, imagem e iconoclastia dos concretistas, características fundantes dessa corrente literária que provocou a literatura, as artes gráficas e a materialidade dos livros publicados pela Livraria Duas Cidades. A poesia concreta reconfigurou a disposição da poesia na página e no formato dos tipos utilizados, além de ter incluído tiras e imagens coladas nas páginas, ou até mesmo um vinil de Caetano Veloso a cantar as poesias de Augusto de Campos em *Viva vaia*.

Essas inovações foram possíveis por dois motivos. Primeiro, em razão de o projeto editorial do selo abarcar a poesia

moderna e a vanguarda literária concretista. Segundo, em virtude de o editor ter aberto as portas de seu empreendimento para que amigos e autores desenvolvessem seus projetos editoriais. Foi assim que Augusto Massi entrou na história da Livraria Duas Cidades.

COLEÇÃO CLARO ENIGMA E ARTES E OFÍCIOS DA POESIA

Poeta, jornalista, editor e atualmente professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, o idealizador da

Coleção Claro Enigma nasceu em 1959. Na adolescência, Augusto Massi estudou em colégios progressistas frequentados pela classe média paulistana, e no início da juventude ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Como estudava no centro da cidade de São Paulo e apreciava o mundo dos livros, ele conheceu as principais livrarias dessa região. Foi nesse contexto que ele se relacionou com a Livraria Duas Cidades e o Professor Santa Cruz. Massi (2012, pp. 35-7) passou a frequentar esse espaço a partir dos anos 1970 como leitor e cliente, depois firmou-se como um parceiro e amigo do estabelecimento (Quinta, 2021, pp. 586-94), no mesmo período em que desistiu do bacharelado em Direito para cursar Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Após a conclusão do curso, ele ingressou no mestrado em Letras da USP, em 1984 e iniciou seu trabalho como editor da seção Livros, da *Folha de S. Paulo*, e ao final desse ano recebeu o Prêmio Jabuti na categoria “melhor noticiário literário”. Passados dois anos, ele tornou-se correspondente do jornal na Espanha e na França, período em que estudou literatura espanhola e conheceu editoras e tipografias europeias.

Ao retornar ao Brasil, Augusto teve uma experiência de seis meses como editor da Universidade Estadual de Campinas. Apesar da experiência frustrante como editor universitário, ele planejou seu primeiro projeto editorial a partir de 1987, ao esboçar a Claro Enigma. Foi nesse ano que ele preparou a coleção, escolheu os autores e definiu como seria a materialidade dos livros publicados. Pensou sobre quem poderia ser o público leitor

das obras e quais novidades editoriais que a coleção traria, tanto do ponto de vista gráfico quanto dos materiais empregados no conjunto dos 13 títulos e milhares de exemplares impressos. Também refletiu sobre os críticos literários, professores universitários e críticos de arte que escreveriam a orelha dos livros. Selecionou a capista, os desenhistas e as outras pessoas que tornariam possível o lançamento de seu projeto editorial.

Publicada entre dezembro de 1988 e junho de 1990, a Claro Enigma abarcou os livros de 11 poetas e duas poetisas brasileiras. Reunindo 13 títulos, dos quais sete correspondiam à poesia completa de seus autores e seis ao lançamento de poesias inéditas, a coleção reuniu as obras das poetisas Orides Fontela e Maria Lúcia Alvim, e os livros dos poetas José Paulo Paes, Francisco Alvim, Alcides Villaça, Sebastião Uchoa Leite, João Moura Jr., Rubens Rodrigues Torres Filho, Paulo Henriques Britto, Ronaldo Brito, Duda Machado, Age de Carvalho e Alberto Alexandre Martins. O projeto de capa foi assinado por Moema Cavalcanti (*Museu da Imagem e do Som – SP*, 2000, pp. 48-9), enquanto Silvia Massaro elaborou o projeto do miolo e Gisela Creni chefiou a secretaria editorial.

A edição também contou com o apoio dos críticos literários Antonio Candido, Roberto Schwarz e João Luiz Lafetá, além do crítico de arte Rodrigo Naves, do pintor Iberê Camargo, da artista visual Mira Schendel, do escultor Amilcar de Castro, entre outras figuras de peso do meio cultural e intelectual do país. Além disso, ela foi amplamente divulgada nas universidades e nos meios de comunicação



Imagem 4. Frente do folder constando as capas dos oito primeiros livros da Coleção Claro Enigma. Essas capas foram concebidas por Moema Cavalcanti e o projeto gráfico é de Silvia Massaro. Augusto Massi participou das decisões gráficas e artísticas do projeto editorial, a exemplo do acetato de plástico que reveste a capa dos 13 livros da coleção, cuja materialidade é composta com papel nevado. Garamond é a tipografia empregada em todos os livros da coleção e na falsa folha de rosto das obras consta uma ilustração de um artista convidado. Dos 1.500 exemplares para cada título, “25 [...] foram impressos em papel Suzano Classic - com a rubrica F. C. (fora de comércio) - numerados e assinados pelo autor”, os quais dizem respeito às obras especiais da coleção, com capa dura e formato 14 x 23. Diferentes indústrias gráficas imprimiram as obras do programa editorial liderado por Massi

da época, como *Veja*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*.

Foi nesse contexto que Augusto Massi lançou a *Claro Enigma* e figurou na lista

de seletos editores de poesia em finais do século passado (Hallewell, 2012, pp. 799-800). Para se ter uma ideia da projeção da coleção, cabe aludir ao patrocínio da indústria Metal Leve S/A (do empresário e bibliófilo José Mindlin) e das Indústrias de Papel R. Ramenzoni S/A, além da coedição com a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo nos últimos cinco títulos da coleção. E se for considerada toda a construção do projeto editorial – desde a elaboração da ideia, passando pelo planejamento de produção gráfica e editorial, e até mesmo o envolvimento de dezenas de pessoas e empresas no trabalho –, é possível deduzir que Massi almejava ultrapassar a mera publicação de poesia brasileira (ver Imagem 4):

“[...] lançada em dezembro de 1988, [a coleção] pretende criar um espaço literário inteiramente voltado para a poesia brasileira contemporânea. O objetivo é reunir sob o arco de um projeto editorial [...] leitores, críticos, poetas e editores. Esta iniciativa possui duas faces: *intervenção* e *reflexão*. A primeira procura resgatar uma tradição de publicar poesia mantida durante toda a década de 70 pela *Dois Cidades*, que, em edições graficamente ousadas e inovadoras, reuniu boa parte da produção teórica e poética do movimento concreto. A ênfase do projeto atual recai, outra vez, sobre uma concepção gráfica original. O trabalho desenvolvido por Moema Cavalcanti e Silvia Massaro, além de explorar materiais inéditos, como o papel da capa e o *polyester* da sobrecapa, soube privilegiar o branco da página, o espaçamento das letras e, conseqüentemente, a experiência de leitura [...]” (folder *Claro Enigma*, 1989).

Este trecho sinaliza o propósito do editor em oferecer uma nova experiência de leitura por meio das escolhas gráficas, dos materiais empregados na edição dos livros e da seleção dos poetas. Mas nenhum editor age à revelia do contexto político, social, econômico e cultural (Mollier, 2005, p. 14). Todos atuam num determinado campo editorial (Bourdieu, 2018) em que há tensões e disputas condicionando suas escolhas. Para explorar o campo em sua complexidade, é necessário analisar tanto os vínculos objetivos entre autores e editor como todos os elementos que fazem parte da arquitetura do mercado editorial, identificando o peso de cada um dos agentes e seus critérios de avaliação ao atuarem nesse campo. Essa perspectiva de totalidade tem nos desafiado a avaliar as editoras brasileiras que publicavam poesia contemporânea nos anos 1980 e 1990, e em que medida a Claro Enigma foi capaz de mobilizar um conjunto de recursos simbólicos, econômicos, técnicos e políticos que impactaram as edições de poesia no país, sobretudo quando se tem em conta que a coleção foi publicada por uma editora que havia saído de evidência em finais do século passado.

Pela seleção dos autores, pela materialidade das obras e pelo diálogo promovido entre poetas, artistas plásticos e críticos literários reconhecidos em suas respectivas áreas de atuação, o projeto editorial de Augusto Massi também foi um marco no quesito das sociabilidades literárias, as quais foram promovidas em razão das ações que ele colocou em prática. Apesar da dificuldade inicial em vender os 1.500 exemplares impressos por título, a coleção recebeu dois importantes prêmios

literários em 1989. Um deles foi o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e o outro foi o Prêmio Jabuti na categoria de produção editorial de obra em coleção, o qual foi novamente conferido à Claro Enigma em 1990. Essas condecorações deram fôlego para Augusto lançar os cinco últimos títulos da coleção e realizar o evento (ver Imagem 5) de encerramento do projeto editorial.

Artes e Ofícios da Poesia sucedeu em maio de 1990. No ano anterior, os paulistanos haviam empossado a primeira prefeita da capital paulista. Então filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), Luiza Erundina nomeou Marilena Chauí como secretária da pasta cultural e deu aval às comemorações do Dia do Trabalhador e a um evento de celebração da poesia. O ciclo fez parte das festividades do Centenário do Primeiro de Maio, recebeu o incentivo da Secretaria Municipal de Cultura e as atividades previstas para o evento transcorreram no Museu de Arte de São Paulo (Masp).

Ali estavam autores da Claro Enigma, como Francisco Alvim, José Paulo Paes, Alcides Villaça e Orides Fontela. Também participaram Adélia Prado, Manoel de Barros e jovens poetas brasileiros. Cleber Teixeira, Massao Ohno, Gastão de Hollanda, Pedro Paulo Sena Madureira e outros representaram os editores de poesia, enquanto a crítica literária se fez presente com Alfredo Bosi, Luiz Costa Lima e Vilma Arêas. O ciclo homenageou os poetas Ana Cristina Cesar, Leminski e Cacaso, e simultaneamente realizou mostras de livros ao divulgar edições raras, revistas e outras publicações literárias. Em recente entrevista concedida ao *Estado de*

Minas, Augusto Massi enfatizou a repercussão cultural do evento:

“A *Claro Enigma* não só vendeu bem como me abriu os olhos para uma produção ignorada que chegava pelo correio, vinda de diferentes cantos do país. Parte do material foi incorporada num grande evento, ‘Artes e Ofícios da Poesia’ [...]. Poetas e editores do Brasil todo [...] ocuparam o Masp durante uma semana intensa, frenética, fanática, manhã, tarde e noite. Poetas que não pude publicar na *Claro Enigma* foram contemplados no evento e, posteriormente, participaram de uma antologia homônima [...]” (Braile, 2021).

Organizada por Massi (1991), a obra *Artes e ofícios da poesia* é um dos registros do ciclo ocorrido em 1990 e uma demonstração explícita da repercussão proporcionada com a publicação da coleção. Logo na orelha do livro, ele menciona que a *Claro Enigma* provou a existência de uma nova poesia e que a antologia pretendia dar continuidade aos debates sucedidos na semana do evento, a fim de promover uma “discussão literária permanente” e uma “ampliação do espaço literário”. Segundo o organizador, aquele livro seria impensável no início dos anos 1980, quando os poetas se queixavam da crítica literária, dos editores, de outros autores e até mesmo dos leitores. Em sua opinião, a realização do ciclo e o lançamento da antologia que reuniu 29 poetas eram dois indicadores da tomada de consciência da poesia contemporânea como arte e ofício, elementos que permitiram levar adiante a crítica literária e a realização poética.



Imagem 5. Cartaz de divulgação do ciclo Artes e Ofícios da Poesia. Fonte: Centro de Documentação e Memória da Unesp

Ao fim e ao cabo, a *Claro Enigma* parece ter se tornado uma referência para personalidades do meio editorial e cultural. Duas décadas após sua publicação, o poeta Carlito Azevedo afirmou:

“Que uma coleção de poesia pode ter uma intervenção poderosa na literatura de um momento específico ficou mais do que provado com a *Claro Enigma*, editada pelo Augusto Massi, nos anos 80, que ajudou a quebrar muitos preconceitos, vencer muitas dicotomias, fez a discussão avançar. [...] e num projeto gráfico que reunia o artesanal, melhor característica da poesia independente, com um sistema profissional de edição e distribuição, vantagem indiscutível da máquina editorial. A *Claro Enigma* reconfigurou bastante o ambiente” (Werneck, 2011).

Ao reunir 13 poetas de diferentes gerações, a coleção provocou e realinhou o cenário da poesia brasileira, provando que um projeto editorial concebido como intervenção cultural é capaz de promover sociabilidades literárias, de criar novas formas de editar e divulgar poesia, e de

suscitar novos debates em torno da produção poética. Augusto Massi colocou a poesia na ordem do dia e reavivou o catálogo da Livraria Duas Cidades ao realizar um projeto editorial original, graficamente inovador e simultaneamente coerente com as primeiras edições de poesia da casa.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, M. A. do N. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. 2ª ed. São Paulo, Edusp, 2015.
- BARILE, J. P. B. "Augusto Massi: 'Me sinto herdeiro dessa militância a favor da crônica'". *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 17/dez./2021.
- BOURDIEU, P. "Uma revolução conservadora na edição". *Política & Sociedade*, v. 17, n. 39. Florianópolis, mai.-ago./2018, pp. 198-249.
- CRENI, G. *Editores artesanais brasileiros*. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- GUELF, M. L. F. "Do mimeógrafo ao laser: 20 anos de poesia". *Caravelle*, n. 57, 1991, pp. 67-82.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. 3ª ed. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo, Edusp, 2012.
- MASSI, A. (org.). *Artes e ofícios da poesia*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1991.
- MASSI, A. "Revisitando duas cidades". *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 68, dez./2012, pp. 23-37.
- MELLO, S. H. de M. *Editando o editor 9: Guilherme Mansur*. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2018.
- MOLLIER, J.-Y. "Naissance de la figure de l'éditeur", in B. Legendre; C. Robin (orgs). *Figures de l'éditeur*. Paris, Nouveau Monde, 2005.
- MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. *Ases da capa: 3 décadas de desenho gráfico em capas de livros no Brasil*. São Paulo, Donnelley Cochrane Gráfica Editora do Brasil, 2000.

- OLIVEIRA, S. R. de. "Brazilian arts: the migration of poetry to videos and installations", in S. A. Glaser. *Media inter media. Essays in honor of Claus Cluver*. Amsterdam/New York, Rodopi, 2009, pp. 259-80.
- QUINTA, H.; SILVA, W. C. L. da. "O arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz: o livreiro-editor da Livraria Duas Cidades". *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 76, ago./2020, pp. 241-64.
- QUINTA, H. de C. *A trajetória de Santa Cruz e da Livraria Duas Cidades: o livreiro-editor de religiosos, universitários e intelectuais na cidade de São Paulo (1954-2006)*. Tese de doutorado. Assis, Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, 2021.
- RIDENTI, M. "Caleidoscópio da cultura brasileira (1964-2000)", in S. Miceli; H. Pontes (orgs.). *Cultura e sociedade: Brasil e Argentina*. São Paulo, Edusp, 2014, pp. 21-72.
- SALGUEIRO, W. C. F. "Notícias da atual poesia brasileira: dos anos 1980 em diante", in W. C. F. Salgueiro. *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência*. Vitória, Edufes, 2018, pp. 14-36.
- SILVA, J. A. P. *Massao Ohno, editor*. Cotia, Ateliê Editorial, 2019.
- SIMON, I. M. "Considerações sobre a poesia brasileira em fim de século". *Novos Estudos*, n. 55. São Paulo, nov./1999, pp. 27-36.
- SORÁ, G. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2010.
- WERNECK, P. "Editar bem poesia é aceitar editar antimercadoria". Entrevistado: Carlito Azevedo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 17/set./2011.

Arquivos consultados

Arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz e da Livraria Duas Cidades.
Arquivo do Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista.